

Experiências de regionalização da ABHR:

bons ares vêm do Norte

Experiences from the regionalization of the ABHR: good winds from the North

*Diego Omar da Silveira**

Resumo:

Enraizar-se em um país de proporções territoriais tão grandes como o Brasil e produzir um conhecimento socialmente relevante para as diferentes regiões do país tem sido um desafio de várias entidades de pesquisadores nos dias atuais. Na Associação Brasileira de História das Religiões, esse foi um esforço central na última década e rendeu importantes frutos em termos de fomento de novos espaços de pesquisa e articulação de novas gerações de estudiosos das religiões e religiosidades. O artigo apresenta brevemente as experiências de organização da ABHR Norte e os primeiros resultados advindos dos dois eventos realizados em 2017 e 2019, em Parintins (AM) e Santarém (PA).

Palavras-chave: Associação Brasileira de História das Religiões. Regionalização. Norte.

Abstract:

Becoming established in a country of vast territorial proportions like Brazil and producing socially relevant knowledge for each of its regions has been a challenge faced by many research entities in the present day. For the Associação Brasileira de História das Religiões – ABHR (Brazilian Association for the History of Religions), this has been a key issue and has produced important results in terms of encouraging new research spaces and the articulation of new generations of scholars of religion and religiosity studies. This paper briefly presents the experiences of the ABHR North and the first results that emerged from the research events that took place in 2017 and 2019, in Parintins (AM) and Santarém (PA).

Keywords: Brazilian Association for the History of Religions. Regionalization. North.

* Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Trabalha atualmente como professor assistente no Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Coordenou a Regional Norte da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). É membro da Rede de Pesquisa: História e Catolicismo no mundo contemporâneo e do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES). E-mail: diegomarhistoria@ya-hoo.com.br

Introdução

Este texto, em certo sentido por seu caráter comemorativo, mistura algumas memórias e uma tentativa de análise das experiências de regionalização da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR), em especial aquela conduzida a partir de 2016 na Amazônia brasileira, ou seja, na Região Norte. Esse, pode ser lido, ao meu ver, como um esforço tardio, mas muito proveitoso, de reunir pesquisadores para que pudessem dialogar sobre os estudos da religião nesse espaço (ao mesmo tempo tão amplo e difícil de delimitar como um mero recorte geográfico). Nos dois eventos que realizamos, em 2017 e 2019, as discussões tiveram certamente uma importância fundamental “para que novos pesquisadores se despertem para essa empreitada, já que a agenda dos temas a tratar não para de crescer, e para que os mais experientes pudessem dividir suas preocupações, socializar estratégias e construir novas agendas de trabalho” (SILVEIRA, et. al., 2020). Daí minha sugestão de que “bons ares vêm do Norte”.

Como outros autores desse dossiê já destacaram, o processo de regionalização da ABHR atendeu a um conjunto de expectativas e demandas das direções e dos sócios, que desde o início dos anos 2000 foram assistindo a uma estruturação progressiva dos estudos da religião como um campo de pesquisa (multi-poli-transdisciplinar) no Brasil. Em 2011, quando as coordenações regionais, de fato, surgiram, havia sinais de que Simpósios anuais tornavam-se inviáveis (dadas as dificuldades logísticas, inclusive de financiamento) e que tinham, nesse novo contexto, “um alcance limitado como espaço de interlocução”, que não correspondia mais à “capilaridade” que as pesquisas vinham ganhando, em um cenário de expansão e interiorização das universidades públicas brasileiras. Conforme destaca Wellington Teodoro da Silva, à época o presidente da ABHR, “a criação de uma estrutura que fosse leve (apenas um coordenador) e que alcançasse os níveis locais contribuindo para o adensamento dos estudos das religiões, segundo as diversas singularidades de um país tão grande e diverso quanto o Brasil, pareceu-nos uma exigência da hora presente” (SILVA, 2004, p. 12).

Desde então, a Associação passou a organizar seus eventos nacionais bianualmente, nos anos pares. Nos ímpares, as regionais deveriam produzir simpósios capazes de articular temas e pesquisadores locais, contribuindo assim, ela mesma, para fortalecer o tripé ensino-pesquisa-extensão fora dos “grandes centros”. Eventos menores (em tamanho, não em importância) facilitaríamos também o acesso e participação de estudantes de graduação e pós-graduação, bem como de

mestres e doutores que, naquele contexto, assumiam a docências nos novos campi das Instituições de Ensino Superior. Esperava-se ainda que uma articulação regional tivesse impacto na formação de novos grupos de pesquisa, de novas linhas dentro dos PPGs e, conseqüentemente, na publicação de artigos e livros.

Na formação das primeiras coordenações, Lyndon de Araújo Santos, professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), assumiu a Regional Norte por não haver ninguém que pudesse fazê-lo e também em função da sua proximidade com a Amazônia. Ademais, São Luís já havia sediado o Simpósio Nacional de 2006 e voltaria a recebê-lo em 2012 e contava com pesquisadores empenhados em temas relevantes para a Amazônia, como o pentecostalismo e as religiões afrobrasileiras – o Tambor de Mina, por exemplo. Mas em 2013 houve Simpósio Regionais apenas no Sul, Sudeste e Nordeste. Dois anos mais tarde, fui eleito coordenador do Norte durante o evento de Juiz de Fora e não havia condições novamente para organizar em tão pouco tempo um evento. Em 2015, apenas Sudeste e Nordeste conseguiram realizar seus Simpósios. Já nos encontrávamos em um contexto de crise política e econômica em que os recursos das Fundações de Amparo à Pesquisa começavam a escassear e em que os cortes na área de Ciência e Tecnologia voltavam-se preferencialmente para as Humanidades.

De qualquer forma, a Amazônia tinha sido um tema pouco frequentado na ABHR e com baixíssima representatividade entre os filiados. A exceção era o Pará, que contava com um curso de Licenciatura e Mestrado em Ciências da Religião na Universidade do Estado do Pará (UEPA), além de uma linhagem acadêmica de estudos da religião já bastante consolidada por professores do Museu Paraense Emílio Goeldi e da Universidade Federal do Pará (UFPA).¹ Em 2015, em uma conversa com Saulo Baptista e Gustavo Soldati Reis, cogitamos inclusive a possibilidade de que Belém sediasse o Simpósio Nacional de 2016, o que infelizmente acabou não acontecendo.² Outro indicador da pouca visibilidade: nos dez volumes da Coleção Estudos da ABHR (publicados pelas Paulinas) a palavra Amazônia aparece em apenas um título, de um único artigo,³ escrito aliás por um pesquisador residente no Centro-Oeste. Afora esse trabalho, o mais próximo que os autores chegam da Religião Norte é no Maranhão.

Há aqui uma articulação espaço-temporal que merece atenção. Primeiro por que a ABHR cresceu e se fortaleceu no Sudeste, atraindo rapidamente a atenção e colaboração de intelectuais nordestinos, cuja integração no circuito de produção

acadêmica (via pós-graduação) ocorreu mais cedo do que no Norte. Em segundo lugar, porque era mais difícil para os que estavam na Amazônia frequentar os eventos realizados nesse eixo, dadas as distâncias e os custos do deslocamento. Por fim, porque os historiadores que tratavam das religiões e religiosidades amazônicas tinham um olhar mais voltado para o passado, havendo poucas explorações sobre a contemporaneidade desse tema nos meios historiográficos. E os antropólogos e sociólogos que se dedicavam a tais temas tinham na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e na Associação Brasileira de Antropologia (ABA) lugares já mais consolidados de encontro e debate. Isso ajuda a explicar, por sinal, que a temática indígena tenha se mantido alheia por tanto tempo da ABHR.

Apenas na medida em que um conjunto de políticas públicas⁴ começaram a surtir seus efeitos é que vamos encontrar uma lenta e progressiva estruturação da produção acadêmica sobre religiões e religiosidades no Norte – proveniente de professores/pesquisadores que residem na Amazônia. Uma avaliação do conjunto desses trabalhos, abarcando períodos e lugares de produção é algo que ainda merece/precisa ser feito. Num dos eventos em que estivemos juntos, Leila Marrach me chamou atenção para o fator geracional desse processo. No Norte, como em outros regionais, são os orientandos dos orientandos dos fundadores da ABHR (3º geração) que começam agora a aparecer nos Grupos de Trabalho (GTs), contribuindo com um olhar que, para além da juventude, agrega também um elemento nativo. Talvez nos próximos anos tenhamos nesses espaços um conjunto de estudos temperados mais fortemente pelo “saber local”, para usar aqui a expressão de Geertz.

A título de ilustração, entre 2014 e 2016, quando investiguei mais detidamente o “estado da arte” dos estudos da religião no Amazonas, o quadro era ainda muito incipiente (cf. GLÓRIA; SILVEIRA, 2016). Monografias dispersas (embora em número crescentes) nos cursos de graduação das universidades públicas, mas nenhuma linha de pesquisa claramente identificada com a área nos PPGs em funcionamento e apenas três Grupos de Pesquisa (cadastrados no Diretório do CNPq) com as palavras religião/ões ou religiosidade(s) no título ou em suas linhas de pesquisa – todos da Universidade Federal do Amazonas (UFAM): “Cultura e Historiografia Amazônica”, coordenado pelo professor Almir Diniz de Carvalho Júnior; NA-URBE – Cidades, culturas populares e patrimônios, coordenado pelos professores Sérgio Ivan Gil Braga e Sidney Antonio da Silva; e OIKOUMENE – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Religião, Cultura e Imaginário, coordenado pelos professores

Marilina C. Oliveira Bessa Serra Pinto e Marco Aurélio Coelho de Paiva. Nenhum financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) para projeto que tivesse como tema central a religião⁵ e poucos registros de teses e dissertações sobre religiões e/ou religiosidades na Amazônia nos repositórios institucionais. No principal banco de dados (o do IBICT), foram encontrados 24 registros (21 de mestrado e 4 de doutorado), quase todos versando ou sobre dinâmicas sociorreligiosas de Manaus. Os estudos que tratam de outras áreas do estado, em geral, foram desenvolvidos em PPGs fora do Amazonas.

Excetuando-se o Pará, pelas razões acima elencadas, não há motivos para crer que a situação nos outros estados da região fosse muito diferente. O que por um lado nos mostrava o tamanho do desafio que tínhamos pela frente e por outro nos animava para um trabalho importante, pioneiro; não tanto pela realização de pesquisas, mas pela articulação de vários pesquisadores e pela criação de um “espaço” aonde diferentes esforços pudessem ser socializados, debatidos, repensados.

1. Esforços iniciais de articulação

O primeiro passo para dar visibilidade ao que já vinha sendo produzido foi a organização do dossiê intitulado “As religiões na Amazônia” para esta mesma revista *Plura*, no segundo semestre de 2015. Como indicamos na ocasião, nossa ideia era captar o que havia de novo e/ou relevante nos estudos e colocar os seus autores em diálogo, provocando-os, se possível, para estabelecerem novas parcerias. Partíamos então do diagnóstico de que,

inventada pelo Brasil, “que propôs para ela a sua própria imagem”, a Amazônia e seus povos se desfazem aos poucos dos imaginários estrangeiros e midiáticos, que a reduziram a florestas e tribos indígenas. Nela, grandes cidades – intelectualmente pujantes e economicamente desiguais – convivem com pequenos lugarejos que apenas muito lentamente vão deixando tradições e modos de vida secularmente alicerçados sobre os saberes nativos. Dos interiores às capitais, o perfil das populações se transforma com a mesma rapidez com que se alteram as paisagens, sinais evidentes do avanço da mentalidade capitalista e dos fenômenos de pluralização das identidades, característico desses nossos tempos de globalização. [E] Nesse contexto, a filiação e o comportamento religioso – antes tidos como sincréticos, mas estáveis – também têm se modificado rapidamente. Já não se pode mais dizer, como há aproximadamente meio século, que o homem amazônico seja católico, tendo em vista o avanço dos evangélicos (inclusive entre os índios) e a emergência de novos movimentos religiosos, que extraem suas for-

ças dos ingredientes e mistérios das matas. Caminhando em diversos sentidos, esse movimento de pluralização do campo religioso amazônico ainda precisa ser mais investigado e o sucesso desta empreitada depende de esforços coletivos de pesquisa, capazes de articular interpretações mais globais com estudos monográficos construídos a partir de diferentes disciplinas. Para além dos estudos já clássicos de renomados pesquisadores que descortinam a realidade social das religiões na Amazônia, percebemos a carência de pesquisas que nos permitam compreender mais profundamente as peculiaridades religiosas da região Norte do Brasil (SILVEIRA; REIS, 2005, p. 05-06).

O dossiê trouxe 5 artigos bastante diversificados, que iam desde a análise da dimensão religiosa em um conto de Inglês de Souza até a presença do neopaganismo em Belém; passando pelas missões evangélicas, pela Barquinha e pelas bricolagens religiosas atuais na Amazônia.⁶ Apresentando o dossiê, vem uma entrevista com Raymundo Heraldo Maués, realizada por mim e pelo professor Marcos Vinícius Freitas Reis, da Universidade Federal do Amapá.⁷ A ideia é que ouvíssemos a avaliação de um pesquisador já experiente e renomado sobre a situação atual do nosso campo de estudos na Região Norte. Uma espécie de “balanço” que orientasse daí por diante as nossas ações.

Em 2016, nos organizamos para que a Regional Norte estivesse presente de modo mais orgânico no II Simpósio Internacional e XV Simpósio Nacional da ABHR, realizado em Florianópolis. Para tanto, propusemos o Grupo de Trabalho intitulado “Religiões na Amazônia”, que contou com 12 apresentações (entre comunicações orais e pôsteres) e a Mesa-Redonda “Diversidade religiosa na Amazônia: abordagens e desafios atuais”.⁸ Ainda que eu careça de comprovação – o que dependeria de compulsação das programações de todos os eventos nacionais da Associação –, tenho a impressão de que essa foi a primeira vez a Amazônia entrou na pauta da ABHR, com uma proposta mais delimitada de debate. A mesma estratégia foi usada para o III Simpósio Internacional e XVI Simpósio Nacional da ABHR, em 2018; dessa vez com 18 trabalhos inscritos no GT e com a Mesa-Redonda “Religiões e religiosidades na Amazônia: formações históricas e desafios de pesquisa contemporâneos”.⁹

Mas o fundamental foi em que no primeiro Simpósio de Florianópolis pudemos nos encontrar e trocar ideias. A maioria de nós não se conhecia pessoalmente. Enviávamos e recebíamos e-mails, mensagens e publicações, sem, no entanto, poder dialogar em torno de nossas experiências. Durante o evento havia um momento reservado para reuniões das regionais, que aproveitamos para que todos pudessem

se apresentar. Em um segundo momento discutimos a viabilidade de realizar um Simpósio Regional no ano seguinte e um tema que partisse tanto do novo contexto em que a ABHR estava inserida quanto das demandas locais. Na manhã daquele mesmo dia, Eduardo Meinberg havia manifestado para nós seu desejo de que os eventos fossem padronizados e de que chegássemos o mais próximo possível de temas que a ABHR estava abraçando de modo mais decidido, como a valorização da diversidade, as lutas contra-hegemônicas, o combate a toda forma de racismo e discriminação. Nos comprometemos a levar adiante esse trabalho na regional, inclusive na proposição do nosso evento para 2017.



Reunião da Regional Norte da ABHR em Florianópolis, 2016. Fonte: arquivo pessoal

Um registro importante: nesse misto de apresentação e reunião executiva compareceram pessoas do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Roraima, Rondônia e do Maranhão, o que nos deixou muito felizes, pois faltava apenas o Tocantins. Depois de uma avaliação de todos os potenciais apoiadores, ficou decidido que o local seria Parintins, onde podíamos contar com a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e, após muitas sugestões, chegamos a um consenso de que *Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades* nos parecia um tema suficientemente amplo e coerente com tudo aquilo que tínhamos a tratar. Lembro-me do apoio que nos foi dado, na ocasião, por Sérgio e Mundicarmo Ferreti, que se juntaram ao grupo, como se pode ver na imagem acima, feita já no final da reunião.

2. Os eventos

Ao logo de todo o primeiro semestre de 2017 nos dedicamos a organizar o I Simpósio Norte da ABHR, com a programação mais ampla possível de mesas-redondas, GTs, minicursos, oficinas e atividades culturais. O contexto, mais uma vez

não era favorável. Mas, como já enfatizei antes, o fundamental era que pudéssemos nos encontrar e, para tanto, buscamos articular com professores-pesquisadores de vários estados, de modo que cada um viesse com recursos de suas próprias Universidades.¹⁰ E apenas quando o deslocamento foi totalmente inviabilizado por falta de financiamento, recorreremos às videoconferências. A abertura com prof. Donizete Rodrigues (Universidade da Beira Interior, Portugal) foi possível graças a UEPA e o encerramento com a profa. Leila Marrach Basto de Albuquerque foi assegurada pela gentileza da pesquisadora, que se dispôs a ir de São Paulo a Parintins com recursos próprios. A UEA nos forneceu apoio para as passagens e hospedagem de Eduardo Meinberg Maranhão Filho (presidente da ABHR) e do prof. Raymundo Heraldo Maués (UFPA), além da infraestrutura e de parte do material impresso.



AMAZÔNIA NO PLURAL: RELIGIÕES, FRONTEIRAS E IDENTIDADES

I SIMPÓSIO NORTE
DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
HISTÓRIA DAS RELIGIÕES
IX SEMANA DE HISTÓRIA DO CESP/UEA

29 DE AGOSTO A 01 DE
SETEMBRO DE 2017

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PARINTINS AM

AS RELIGIÕES DO NORTE

CONCURSO DE FOTOGRAFIAS

Impressão das 20 melhores para
Exposição. Prêmio de R\$ 250,00

I SIMPÓSIO NORTE DA ABHR
IX SEMANA DE HISTÓRIA DO CESP/UEA
AMAZÔNIA NO PLURAL: RELIGIÕES,
FRONTEIRAS E IDENTIDADES

Informações pelo Whatsapp (92) 98171525
Inscrições até 22.08.2017

PROGRAMAÇÃO DO EVENTO

TERÇA 29.08	QUARTA 30.08	QUINTA 31.08	SEXTA 01.09
Manhã Credenciamento	Manhã (08 às 12h) Minicurso e Mesa-Redonda	Manhã (08 às 12h) Minicurso e Mesa-Redonda	Manhã (09 às 12h) Encerramento Mesa-Redonda
Tarde (14 às 17h) Fazendo Arte	Tarde (14 às 17h) Grupo de Trabalho	Tarde (14 às 17h) Grupo de Trabalho	Tarde (14 às 17h) Reunião da ABHR Norte
Noite (19 às 21h) Abertura oficial Conferência	Noite (19 às 21h) Mesa-Redonda e Fazendo Arte	Noite (19 às 21h) Mesa-Redonda e Fazendo Arte	Passeio com participantes

Cartazes e programação do I Simpósio Norte da ABHR. Fonte: arquivo pessoal

O Liceu de Artes Claudio Santoro (Unidade Parintins) foi nosso parceiro desde a primeira hora, na figura de sua gestora Andressa Oliveira que estava na plenária em Florianópolis, e por essa instituição viabilizamos tanto a *mostra comentada de vídeo-documentários sobre religião produzidos na UFAM* (no pré-evento) quanto as apresentações musicais e teatrais durante o Simpósio. Nosso *Fazendo Arte* teve ainda a exposição das fotos selecionadas no *Concurso de Fotografias: As Religiões do Norte*.



Monitores do evento e registro do encerramento do I Simpósio Norte da ABHR. Fonte: arquivo pessoal

Ao todo, foram cerca de 300 participantes em 2 conferências (abertura e encerramento), 9 mesas-redondas, 6 minicurso e oficinas e 11 GTs, com pouco mais de 100 comunicações orais inscritas. Entre os palestrantes tivemos uma abrangência regional muito significativa, já que novamente apenas o Tocantins não teve nenhum representante. Também merece destaque a riqueza das temáticas abordadas nas mesas e, conseqüentemente, nas palestras: desde o *Cristianismo entre a antiguidade e o medievo* até *laicidade, educação e religião na Amazônia* ou então as imbricações entre *religião, mídia e cultura* na atualidade.

Dessa forma, temas mais canônicos, como *Ordens e Congregações na Amazônia* ou *500 anos de Reforma(s) Protestante(s) e suas ressonâncias no Brasil* dividiram espaço com novos objetos e abordagens, como o das *religiões contra-hegemônicas (religiões afro-indígenas, pajelanças e novos movimentos religiosos)* ou *diversidade étnico-racial e de gênero no campo religioso amazônico e suas implicações nas políticas de identidade*. O que me parece um indicador do potencial criativo das regionais. Como notaram Celso Luiz Terzetti Filho (2013) e Ítalo Domingos Santirocchi (2015) para outros eventos da ABHR, ficou no ar um gosto de “quero mais” e de que a experiência merecia ser replicada.

Uma síntese de todas as atividades está disponível no *Caderno de Resumos* do evento, publicado em 2018 e, em menor proporção nos *Anais Eletrônicos*, igualmente disponíveis *on-line*. Resultaram das conferências e palestras dois e-books que acabaram se de ser lançados pela Editora UEA: *Religiões, fronteiras e identidades na Amazônia* e *Religiões e lutas contra-hegemônicas na Amazônia*, ambos organizados por Diego Omar da Silveira, Clarice Bianchezzi, Marcos Vinícius de Freitas Reis e Adriano Magalhães Tenório (2020).



Publicações *on-line* derivadas do I Simposio Norte da ABHR. Fonte: arquivo pessoal

Apesar de nossos esforços, não conseguimos sair do evento de Parintins com a definição de onde seria o próximo Simpósio Regional. Apenas indicações de que tanto Macapá (AP) quanto Rio Branco (AC) talvez pudessem acolher o nosso evento. Um desenho mais preciso só foi possível em 2018, quando estive ao lado dos professores André Dionei Fonseca e Marcos Vinícius de Freitas Reis (então coordenador da Regional Norte da ABHR) em uma mesa durante a *II Jornada Internacional de Ensino de História na Amazônia*, no Amapá. Ali surgiu a ideia, rapidamente encampada por André, de que o Simpósio fosse realizado em Santarém, no Pará. Nos meses seguintes chegamos ao tema: *Religiões e Religiosidades na Amazônia: dinamismo e resistências*.



Chamadas para o II Simpósio Norte da ABHR em redes sociais. Fonte: arquivo pessoal

Como enfatizamos no *Caderno de Resumos e Programação*, depois dos ricos contatos iniciados em Parintins, o momento agora era “de aprofundar os diálogos, construir projetos coletivos e interinstitucionais”. Também estava posto o desafio de articular a produção do Norte com a do restante do país – falar aos centros mais consolidados de produção acadêmica e construir, com eles, uma interlocução.

Com *dinamismo e resistências*, quisemos indicar basicamente duas coisas:

que aqui, como em outros lugares do Brasil, o panorama religioso tem mudado (e num ritmo cada vez mais acelerado). Por outro lado, que é preciso considerar a força ainda muito atuante do catolicismo (em suas formas populares e no apelo renovado a uma teologia crítica), além da afirmação (muito recente, mas nada insignificante) das religiões afro-indígenas, das tradições ayahuasqueiras e até mesmo dos kardecistas. Com isso, mesmo diante do crescimento dos evangélicos (sobretudo pentecostais), outras epistemologias têm

entrado em cena, adensando, em meio aos “sopros do espírito” e “rumores de anjos”, algumas leituras problematizadoras do papel das religiões e religiosidades na contemporaneidade (SILVEIRA; FONSECA; REIS; JORDÃO, 2020, p. 11).

De um ponto de vista panorâmico, esses foram os eixos centrais do evento, desde o seu primeiro momento – com a conferência de abertura, proferida por Eduardo Gusmão de Quadros. Uma abordagem atualíssima sobre *a economia teo-política na crise da democracia*.



Registros das atividades do II Simpósio Norte da ABHR. Na sequência: Mesa-Redonda I, Conferência de abertura e apresentação de comunicações nos GTs 8 e 3. Fonte: arquivo pessoal

No que se seguiu, ficava claro, mais uma vez, nosso esforço de tratar da forma mais vertical possível os temas amazônicos, sem perder de vista uma literatura mais geral sobre os variados temas da realidade social das religiões no Brasil. Foram 7 mesas-redondas, 8 minicurso e oficinas e 10 GTs, com aproximadamente 80 comunicações orais inscritas. E um público geral estimado em cerca de 200 pessoas. Vale aqui agradecer à Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), que foi

para nós uma anfitriã generosíssima, viabilizando a vinda e a permanência de vários professores-pesquisadores a Santarém.

Das palestras que compuseram as mesas-redondas, quero de destacar dois blocos – complementares, mas distintos: um mais voltado para as religiões cristãs e outro fortemente marcado pelos sentidos das religiões afro-indígenas, pajelanças, espiritualidades da floresta e suas demandas por maior legitimidade e representação nos espaços públicos.

No primeiro caso, os debates gravitaram em torno das discussões sobre o(s) *Catolicismo(s) na Amazônia: história e atualidades* – tratando desde a romanização e diocesanização do território amazônico até a força atual da Renovação Carismática e das novas comunidades de vida; também sobre os sentidos do emblemático Sinodo Pan-Amazônico. E sobre os *Evangélicos hoje* e sua atuação no Brasil e na Região Norte, tanto na vida privada quanto na política e na opinião pública. Como aponta o prof. Manoel Ribeiro de Moraes Junior, “na Amazônia, o pentecostalismo se manifesta difusa e intensamente. Suas presentificações são profundamente criativas e por isso mantêm íntimas relações com os imaginários regionais, com as culturas locais e os também com os diversos modos de ordenamentos sociais”. Mais do que ruptura, haveria, portanto, continuidades significativas entre as “representações simbólicas e as práticas religiosas” das populações ribeirinhas convertidas nas últimas décadas (cf. RODRIGUES; MORAES JR, 2018).

Já o segundo eixo foi explorado nas falas sobre as *Religiões afro-brasileiras no Norte do país*, que de modo muito significativo incorporaram a voz e o ponto de vista dos praticantes e de lideranças religiosas, até mesmo para falar de temas sensíveis como racismo, intolerância e violência religiosa. Na mesma perspectiva, foi muito importante que no evento tivéssemos uma oficina e um minicurso realizados não dentro de uma sala de aula da Universidade, mas em terreiro da cidade. Também na mesa sobre *Plantas e encantados em religiões da Amazônia* tivemos a voz abalizada de pesquisadoras que são também praticantes e profundas conhecedoras do Santo Daime, do Tambor de Mina, da pajelança. Seria muito importante dar mais passos no sentido de incorporar as vozes religiosas da Amazônia nos eventos, criando um ambiente cada vez mais acolhedor, de modo que as análises acadêmicas não apareçam apenas em contraste às dos crentes, fiéis e praticantes das mais diversas tradições.¹¹ Não subestimo, aqui, a importância da análise científica da religião. Ao contrário, proponho tão somente um exercício de desprendimento – no sentido sugerido por Alcida Rita Ramos (2007) – que pode agregar imenso a valor aos nossos encontros.

No meio de caminho entre os dois eixos descritos acima estavam as mesas sobre *Novas epistemologias e desafios no estudo das religiões*, sobre *Educação, Ensino Religioso e laicidade* e também sobre *Devoções e culturas populares*. Nas três ocasiões as falas exploraram áreas limítrofes e por vieses multidisciplinares sugeriam novas formas de lidar com demandas que são acadêmicas, mas também sociais, políticas, etc. Um conjunto de questões que extrapolam o espaço da universidade e, às vezes, até mesmo os conceitos, as linguagens e as epistemologias consagradas em determinadas áreas do conhecimento.

Foi tentando responder a todo esse conjunto de instigações que propusemos modificar dessa vez a divulgação dos resultados do evento. O *Caderno de Resumos* está disponível on-line no site do evento e no portal *academia.edu* e brevemente esperamos contar com os textos resultantes das comunicações orais editados na forma de e-book de acesso gratuito. Já as palestras comporão, assim esperamos, dois dossiês em revistas bem qualificadas da área de História. Ambos devem sair no segundo semestre de 2021. O primeiro e mais geral, intitulado “Religiões e religiosidades na Amazônia: dinamismo e resistências” na revista *Canoa do Tempo* (UFAM) e o segundo, cujo título será “Novas/outras epistemologias no Estudo das Religiões”, na *Revista Brasileira de História das Religiões* (GTRR-ANPUH). Como é de praxe, em ambos os casos, a chamada é pública, o que deve acrescentar às falas daqueles que estiveram nas mesas-redondas outras perspectivas, enriquecendo ainda mais nossos debates.¹²

Por fim, quero assinalar que foi com muita felicidade que acolhemos, em assembleia, a proposição do prof. Marco Antônio Domingues de que o III Simpósio Norte da ABHR aconteça na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), em Porto Velho, no ano de 2021.

Apontamentos finais (ou no meio do caminho)

Não há muitas conclusões a tirar. Ainda estamos no meio de um caminho feito de encontros e desencontros. Mas sempre com muita vontade de acertar. Tem sido realmente gratificante ver vários pesquisadores (jovens ou experientes) percorrendo longas distâncias de barco ou com várias paradas em aeroportos para chegar aos eventos. Também foi muito tranquilizador ouvir de vários(as) companheiros(as) que tudo tem valido a pena. Isso nos anima a continuar e reforça a convicção de que as regionais têm/terão uma função importantíssima na ABHR. Delas provêm perspectivas sempre atuais, de temas recém-surgidos em cada canto do Brasil, um país no qual as religiões e religiosidades não cessam de se renovar.

Se Clifford Geertz (2006) está certo, a ver nas ciências sociais “uma reorientação no sentido das abordagens hermenêuticas, semióticas e fenomenológicas” que nos leva a considerar “mais que indicadores e estatísticas – índice de frequência a locais de culto, respostas a pesquisas e outros – (...) a qualidade do espírito: quadros de percepção, formas simbólicas, horizontes morais”, então estamos no caminho certo. E por tudo que temos feito nesse processo de regionalização da ABHR, creio poder afirmar com tranquilidade que bons ares vêm do Norte!

Quero aqui agradecer a três parceiros que têm sido fundamentais, seja colaborando ou incentivando a articulação de professores-pesquisadores em torno da ABHR. Minha gratidão a Marcos Vinicius Freitas Reis (UNIFAP), Manoel Ribeiro de Moraes Junior (UEPA) e Marilina C. Oliveira Bessa Serra Pinto (UFAM).

Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, Vasni de. A parceria Associação Brasileira de História das Religiões/ Paulinas: experiências de publicações em estudos de religião. In: *Plura*, Revista de Estudos de Religião. Juiz de Fora: ABHR, v. 10, n. 1, 2019. pp. 43-58.
- ANDRÉ, Richard Gonçalves. Lacunas Historiográficas: uma perspectiva sobre as Religiões Japonesas nos eventos da ABHR e nas Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. In: *Revista Nures*. São Paulo: PUC-SP, n. 10, set-dez. de 2008.
- CARVALHO, Sarita dos Santos. A continuidade do diálogo nos Simpósios-2016 da Associação Brasileira de História das Religiões. In: *Reflexão*. Campinas: PUC-Campinas, 41(2), jul-dez. de 2016. pp. 259-265.
- CONCEIÇÃO, Douglas da. Perspectivas investigativas da religião na Amazônia: reflexões sobre a emergência do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará. In: *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*. Juiz de Fora: PPGCIR, v. 15, n. 2, 2012. pp. 295-318.
- GEERTZ, Clifford. O beliscão do destino: A religião como experiência, sentido, identidade e poder. In: *Nova luz sobre a Antropologia*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. pp. 149-165.
- GEERTZ, Clifford. O futuro da religião. In: *Folha de São Paulo*. Caderno Mais! 14 de maio de 2006. Acesso (na versão online) em 15 de março de 2020.
- GLÓRIA, Cristian Sicsú; SILVEIRA, Diego Omar da. *Em busca do plural* – debate preliminar sobre a produção acadêmica no campo dos estudos da religião no Amazonas. Relatório de Iniciação Científica. Parintins: UEA/FAPEAM, 2016.
- MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque; CALÁVIA SÁEZ, Oscar. *II Simpósio Internacional da ABHR/ XV Simpósio Nacional da ABHR/ II Simpósio Sul da ABHR: História, Gênero e Religião: Violências e Direitos Humanos*. Caderno de Programação Geral. Florianópolis: ABHR; Colmeia Editorial; Capes; CNPq, 2016.
- RAMOS, Alcida. Do engajamento ao desprendimento. In: *Campos*. Revista de Antropologia. Curitiba: UFPR, v. 8, n. 1, 2007. pp. 11-32

RODRIGUES, Donizete; MORAES JR., Manoel Ribeiro de. A pentecostalização de povos tradicionais na Amazônia: aspectos conceituais para uma antropologia de identidades religiosas. In: *Horizonte*. Belo Horizonte: PUC-Minas, v. 16, n. 50, maio/agosto de 2018. pp. 900-918.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Um olhar sobre o XIV Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões. In: *Reflexão*. Campinas: PUC-Campinas, 40(1), jan-jun. de 2015. pp. 119-123.

SILVA, Wellington Teodoro da. A ABHR e os estudos da religião no Brasil. In: BOB-SIN, Oneide; SCHAPER, Valério Guilherme; REBLIN, Iuri Andréas (org.). *Cartografias do sagrado e do profano: religião, espaço e fronteira*. São Leopoldo: EST, 2014. pp. 09-24.

SILVEIRA, Diego Omar da. Religião está na TV e no debate político, assim como nos ritos e práticas dos fiéis. Entrevista concedida à Agência FAPEAM. Manaus, 2016a. Disponível em <https://amazonas.academia.edu/DiegoOmarSilveira/Talks>.

SILVEIRA, Diego Omar da. Religião e Educação, Laicidade e Escola: notas sobre pesquisas em curso no médio-baixo Amazonas. In: *Observatório da Religião*. Belém: UEPA, v. 03, 2016b. pp. 126-147.

SILVEIRA, Diego Omar da. Religiões contra-hegemônicas na Amazônia: desafios de um campo de pesquisas. In: *Revista Senso*. Belo Horizonte: Grupo Senso, v. 13, 2019. s/p.

SILVEIRA, Diego Omar da; REIS, Marcos Vinícius Freitas. Apresentação. Dossiê: As Religiões na Amazônia. In: *Plura*, Revista de Estudos de Religião. Juiz de Fora: ABHR, v. 06, n. 2, 2015. pp. 05-09.

SILVEIRA, Diego Omar da; REIS, Marcos Vinícius Freitas. Estudos da Religião na Amazônia, Um Balanço – Entrevista com Raymundo Heraldo Maués. In: *Plura*, Revista de Estudos de Religião. Juiz de Fora: ABHR, v. 06, n. 2, 2015. pp. 10-26.

SILVEIRA, Diego Omar da. BIANCHEMEZZI, Clarice; REIS, Marcos Vinícius Freitas; TENORIO, Adriano Magalhães (org.). *I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Caderno de Resumos. Manaus: UEA Edições, 2017.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEMEZZI, Clarice; GLÓRIA, Cristian Sicsú. Diversificação metodológica nos Estudos da Religião no Amazonas: um inventário de possibilidades. In: SILVA, Rosângela Siqueira da; SILVEIRA, Diego Omar da (org.). *Interfaces contemporâneas entre religião e educação na Amazônia*. Rio de Janeiro: Autografia, 2018. pp. 131-160.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEMEZZI, Clarice. Vozes e identidades plurais: uma análise da diversificação do campo religioso em Parintins (AM) a partir de relatos orais. In: *Revista História Oral*. São Paulo: ABHO, v. 22, n. 01, 2019. pp. 56-80.

SILVEIRA, Diego Omar da; FONSECA, André Doney; REIS, Marcos Vinícius Freitas; JORDÃO, Juliana V. (org.). *II Simpósio Norte da ABHR: Religiões e Religiosidades na Amazônia: dinamismo e resistências*. Caderno de Resumos. Parintins: Gráfica e Editora João XXIII, 2020.

SILVEIRA, Diego Omar; FONSECA, André D.; REIS, Marcos Vinícius F.; JORDÃO, Juliana V.. *II Simpósio Norte da ABHR: Religiões e Religiosidades na Amazônia: dinamismo e resistências*. Caderno de Resumos. Parintins - AM: Gráfica e Editora João XXIII, 2020.

SILVEIRA, Diego Omar da. BIANCHEZZI, Clarice; REIS, Marcos Vinícius Freitas; TENORIO, Adriano Magalhães (org.). *Religiões, fronteiras e identidades na Amazônia*. Manaus: Editora UEA, 2017a.

SILVEIRA, Diego Omar da. BIANCHEZZI, Clarice; REIS, Marcos Vinícius Freitas; TENORIO, Adriano Magalhães (org.). *Religiões e lutas contra-hemônicas na Amazônia*. Manaus: Editora UEA, 2020b.

TERZETTI FILHO, Celso Luiz. Uma porta para o diálogo: o Simpósio Sudeste e Simpósio Internacional da ABHR. In: *Rever*. São Paulo: PUC-SP, ano 13, n. 02, jul-dez. de 2013. pp. 193-196.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. História das Religiões: breve panorama histórico e situação atual no Brasil. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). *Compendio de Ciências da Religião*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. pp. 217-230.

¹ Eduardo Galvão, Isidoro Alves, Anaiza Vergolino, Raymundo Heraldo Maués e Aldrin Figueiredo são alguns dos nomes mais conhecidos. Entre os mais recentes, creio que mereçam destaque Taíssa Tavernard de Luca nas religiões afro, Gizela Macambira Villacorta nos estudos sobre pajelança, Maria Bethânia Albuquerque com seus trabalhos sobre o Daime, entre outros.

² No caso da UEPA, por uma questão de área, os professores e pós-graduandos vinham participando com maior frequência dos eventos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE) e da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER) do que das atividades da ABHR.

³ O texto é “Como navegar no mar dos gentios? Exercícios espirituais nas missões amazônicas”, de Eduardo Gusmão de Quadros (UEG e PUC-GO), publicado no volume 8: *Sociabilidades Religiosas: mitos, ritos e identidades* (São Paulo: Paulinas, 2011). pp. 63-76.

⁴ Refiro-me, aqui, desde a expansão do número de campi e de Universidades Públicas – também de Institutos Federais até às políticas afirmativas, com cotas para negros e indígenas nas graduações e inclusão da História da África e História Indígena nos currículos da Educação Básica, o que tem suscitado, sem dúvidas, novas pesquisas nesses campos do saber.

⁵ A única exceção que conseguimos localizar foi o projeto “Estudos da Religião na Contemporaneidade: novas leituras sobre o Brasil e outros olhares a partir da Amazônia”, desenvolvido por mim no âmbito do Programa de Apoio à Publicação de Artigos Científicos (PAPAC). Uma síntese do projeto é apresentada em SILVEIRA, 2016a.

⁶ O número completo pode ser acessado em <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/issue/view/17>.

⁷ Merece destaque aqui o intenso trabalho do professor Marcos Vinícius, que tem organizado diversos dossiês sobre Religiões na Amazônia em vários periódicos científicos de todo o Brasil.

⁸ Estiveram presentes na Mesa-Redonda: Diego Omar da Silveira (UEA), Gustavo Soldati Reis (UEPA), Kachia Hedeny Téchio (UNIR) e Taíssa Tavernard de Luca (UEPA)

⁹ Dessa vez a Mesa-redonda foi composta por Marcos Vinícius Freitas Reis (UNIFAP), Wladimir Sena Araújo (UFAC), Geórgia Pereira Lima (UFAC) e Maria Betânia B. Albuquerque (UEPA). Um panorama do que foi discutido no GT pode ser encontrado, para 2016, em MARANHÃO FILHO; CALÁVIA SÁEZ, 2016 e, para o evento de 2018, no site: <https://abhr2018.paginas.ufsc.br/gt-religoes-na-amazonia>.

¹⁰ A Capes chegou a aprovar recursos para o evento, mas depois informou que em função dos cortes não haveria apoio.

¹¹ Uma indicação para esse tipo de incorporação das lideranças religiosas já vem sendo feita nos Simpósios Internacionais/Nacionais da ABHR desde 2016. Eduardo Meinberg esteve particularmente empenhado nesse trabalho, com excelentes frutos. Sobre trabalhos em curso na perspectiva descrita, ver SILVEIRA; BIANCHEZZI, 2020.

¹² A chamada da RBHR já está no ar e pode ser conferida em www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/issue/view/1684. A chamada da revista *Canoa do Tempo* será divulgada em breve.

Recebido em 01/05/2020, aceito para publicação em 07/05/2020.